

A produção de indicadores para promoção de políticas culturais em universidades públicas: uma proposta metodológica e seus desafios¹

Ivan Satuf²

Resumo

Este artigo apresenta a metodologia utilizada pela Universidade Federal do Cariri (UFCA) na produção de indicadores sobre hábitos e consumos culturais de estudantes de graduação. O objetivo é debater potencialidades e limitações de métodos quantitativos para estabelecer políticas culturais em instituições de ensino superior, sobretudo em universidades públicas, onde a diversidade e a pluralidade são princípios basilares. Para fundamentar a discussão, o texto apresenta uma breve análise empírica a partir de uma amostra de 790 estudantes de graduação de três unidades acadêmicas da UFCA. Os resultados ajudam a demonstrar a importância dos indicadores na promoção de políticas para a área da cultura, mas também destacam a necessidade de associar métodos qualitativos ao percurso metodológico para superar as lacunas deixadas por instrumentais exclusivamente estatísticos.

Palavras-chave

Indicadores. Políticas culturais. Gestão cultural. Universidade. Diversidade.

1. Parte da discussão presente neste artigo foi inicialmente apresentada no texto “Dos dados às políticas: a produção de indicadores e a gestão da cultura nas universidades”, publicado nos anais do XIV ENECULT, realizado de 7 a 10 de agosto de 2018 na Universidade Federal da Bahia. Esta é uma versão revista e ampliada.

2. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Portugal; professor adjunto da Universidade Federal do Cariri, Ceará, Brasil; coordenador do Observatório Cariri de Políticas e Práticas Culturais. E-mail: ivan.satuf@ufca.edu.br.

The production of indicators for the promotion of cultural policies in public universities: a methodological proposal and its challenges

Ivan Satuf³

Abstract

This article presents the methodology employed by the Federal University of Cariri (UFCA), State of Ceará, Brazil in the production of indicators about habits and cultural consumption of undergraduate students. The objective is to discuss the strengths and weaknesses of quantitative methods for establishing cultural policies in higher education institutions, especially in public universities, where diversity and plurality are basic principles. To substantiate the discussion, the text presents a brief analysis based on a sample of 790 students from three UFCA academic units. The results of this analysis help to demonstrate the importance of the indicators in the promotion of policies for the area of culture, but also highlight the need to associate qualitative methods to overcome the gaps left by exclusively statistical instruments.

Keywords

Indicators. Cultural policies. Cultural management. University. Diversity.

3. PhD in Communication Sciences, University of Beira Interior, Portugal; associate professor at the Federal University of Cariri, State of Ceará, Brazil; coordinator of the Cariri Observatory on Cultural Policies and Practices. E-mail: ivan.satuf@ufca.edu.br.

Introdução

Um dos maiores desafios impostos aos gestores que atuam no campo da cultura é lidar, cotidianamente, com a necessidade de articular políticas públicas que garantam a diversidade como elemento constitutivo das relações humanas e dos grupos sociais. Contudo, não basta constatar a diversidade, é preciso respeitar as diferenças na elaboração de estratégias para estimular o desenvolvimento cultural. Em outras palavras, é imperativo tanto “conhecer” o público-alvo das políticas, quanto “reconhecer” este público-alvo como um complexo mosaico de subjetividades.

O desafio parece ser ainda maior em universidades públicas, onde a pluralidade de pensamento e de modos de existência não é apenas desejável, mas um princípio inalienável. Nesse sentido, a cultura deve merecer especial atenção dos gestores, pois exerce grande influência como mediadora material e simbólica das relações humanas. Cabe aos dirigentes a definição das estratégias mais adequadas para compreender as demandas, o planejamento das ações e a execução de políticas culturais pautadas pela diversidade.

Do ponto de vista metodológico, a geração de informações estatísticas (construção de bases de dados) e a produção de indicadores (análises dos dados para apontar tendências e/ou padrões) são recursos científicos adequados para definição de políticas públicas. Contudo, a aplicação do método é complexa e obriga o pesquisador a assumir uma postura cautelosa e continuamente vigilante para evitar conclusões precipitadas ou até mesmo equivocadas.

Ao contrário de certo otimismo acrítico presente no imaginário coletivo, pesquisas estatísticas não se apresentam como um “espelho” que reflete fielmente a sociedade. São, na verdade, um construto metodológico parcial. O termo “parcial” adquire aqui uma dupla dimensão semântica. De um lado, está a

parcialidade dos pesquisadores, com suas visões de mundo, interesses e objetivos. De outro, está a condição parcial, incompleta, da produção de indicadores, que muitas vezes contribui para revelar os fenômenos sociais, mas nem sempre permite explicá-los de forma integral. Explicitar tais parcialidades não significa refutar o método, mas tão somente aceitar sua natureza.

No intuito de ampliar a discussão metodológica, este trabalho apresenta a proposta em desenvolvimento na Universidade Federal do Cariri (UFCA), situada no interior do estado do Ceará, na produção de indicadores de hábitos e consumos culturais de estudantes de graduação. Para superar a mera descrição, o relato assume uma postura crítica com o objetivo de qualificar o debate, melhorar a compreensão dos instrumentais utilizados e estimular o desenvolvimento de metodologias similares em outras instituições de ensino superior.

O texto começa pela apresentação da Pró-Reitoria de Cultura da UFCA, órgão que ajuda a compreender a origem e os objetivos da investigação em curso. Em seguida, são apresentados referenciais teóricos que norteiam a pesquisa em três âmbitos: políticas públicas, diversidade e produção de indicadores. Por fim, o texto apresenta as especificidades da metodologia empregada na UFCA e promove uma análise centrada em três unidades acadêmicas que agregam nove cursos de graduação. Os resultados da análise empírica sustentam a discussão sobre as potencialidades e os limites dos indicadores aplicados às políticas culturais.

O lugar da cultura na UFCA

A Universidade Federal do Cariri (UFCA) foi criada pela Lei Federal Nº 12.826, de 5 de junho de 2013, desmembrando-se da Universidade Federal do Ceará (UFC). Antes de adquirir autonomia, os cursos oferecidos em Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha se

articulavam como “campus avançado” da UFC. Desde o desmembramento, a UFCA assumiu o desafio de se constituir como instituição de ensino superior autônoma, estabelecendo suas próprias diretrizes a partir das demandas regionais. Foi preciso criar uma identidade própria e a forte vocação cultural da região do Cariri contribuiu para consolidar a cultura como vetor determinante no desenvolvimento da universidade.

Juazeiro do Norte é um município localizado no extremo sul do estado do Ceará, que estabelece com Crato e Barbalha uma região metropolitana com cerca de 500 mil habitantes, exercendo relevante influência sobre uma grande área que transcende as divisas cearenses. O que geralmente se denomina por “Cariri” é um território físico e simbólico que se expande até o interior dos estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí.

A região é conhecida pela forte religiosidade, responsável pela atração de milhares de romeiros a Juazeiro do Norte para reverenciar a carismática e multifacetada figura de Padre Cícero. Além da marcante devoção, o Cariri abriga diversas manifestações de cultura e arte popular, como os grupos de reisados, as bandas cabaçais e a literatura de cordel.

Ainda em 2013, durante o processo de autonomia e reestruturação, a UFCA instituiu a Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT), incluindo um quarto elemento ao clássico tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão (SALMITO; AZEVEDO JUNIOR., 2015). Ainda é um fato raro entre as instituições públicas de ensino superior no Brasil a configuração de pró-reitoria com dedicação exclusiva para atuar na dimensão cultural, sendo mais comum a articulação entre cultura e extensão em uma mesma pró-reitoria (AZEVEDO JUNIOR.;

MENDES; LIMA, 2017).

O Manual de Procedimentos da PROCULT destaca que esta foi “concebida como um órgão que trama a Cultura numa dimensão estratégica e formadora da comunidade acadêmica, com a perspectiva de contribuir para a formação integral do estudante universitário e da comunidade favorecida pela Instituição”⁴. Portanto, a cultura está no DNA da universidade, constituindo sua identidade e definindo suas ações.

Um ano após a implantação da Pró-Reitoria de Cultura, em novembro de 2014, foi criado em sua estrutura um grupo de pesquisa registrado no CNPq: o Observatório Cariri de Políticas e Práticas Culturais. Parte significativa das ações do grupo se volta à pesquisa aplicada no campo da cultura, promovendo a geração de conhecimento para intervenção sobre realidades específicas. O objetivo geral é estimular a reflexão e a geração de novos conhecimentos sobre a cultura regional do Cariri em suas mais diversas articulações.

O grupo conta com uma equipe multidisciplinar de pesquisadores (doutores e mestres) e estudantes de graduação que desenvolvem investigações vinculadas a quatro linhas de pesquisa: Cultura e Universidade, Políticas Culturais, Práticas Culturais, Teorias da Cultura. Dentre os objetivos específicos⁵ do Observatório Cariri, três estão diretamente vinculados à pesquisa apresentada neste artigo: elaborar pesquisas geradoras de indicadores que reflitam a Cultura no Cariri, fomentar reflexões críticas sobre esses mesmos indicadores, qualificar as políticas culturais da UFCA.

Com base nestes objetivos, o Observatório Cariri desenvolve, desde 2016, a pesquisa aplicada “Indicadores de hábitos e consumos culturais da UFCA”, no intuito de compreender a relação dos estudantes da instituição com

4. A íntegra do “Manual de Procedimentos da PROCULT” está disponível para consulta em http://www.ufca.edu.br/portal/files/2018/procult/Manual_da_Procult_Final.pdf.

5. Estes e os demais objetivos do grupo de pesquisa estão listados no site do Observatório Cariri: <https://observatoriodecultura.ufca.edu.br/objetivos/>.

a cultura para auxiliar a PROCULT a planejar e executar políticas culturais. Os dados e análises apresentados nas seções metodológica e empírica deste trabalho são derivados de resultados parciais da referida pesquisa.

Políticas, indicadores e diversidade

A vinculação entre os conceitos de “política” e “cultura” tem consequências diretas sobre a forma como se articulam o pensamento e as ações. A política adiciona novas camadas de significado à cultura, vinculando-a ao poder, às hierarquias e aos processos decisórios. Portanto, o uso da expressão “política cultural” para nomear um conjunto difuso de ações é em si mesmo uma postura política. Trata-se de uma forma de refletir sobre a cultura como um campo de disputas permanentemente atravessado por forças e interesses que por vezes convergem e, frequentemente, divergem.

Inspirado no pensamento sociológico de Pierre Bourdieu, Vich (2015) destaca que a cultura é um habitus herdado, um articulador da ordem social que produz sujeitos e reproduz modos de agir. Segundo tal concepção, a cultura é um potente dispositivo de produção da realidade, no interior do qual emergem discursos hegemônicos. Por outro lado, é no interior do próprio campo cultural onde se deve confrontar e desestabilizar a hegemonia, sendo urgente “desculturalizar a cultura”, ou seja, “o objetivo das políticas culturais também consiste em revelar as dimensões culturais que aparentemente se apresentam como não culturais” (VICH, 2015, p. 18).

A produção de indicadores pode, portanto, reforçar visões de mundo dominantes, mas também é capaz de desestabilizar o status quo e ajudar a promover políticas para dimensões culturais até então ocultas, incluindo vozes historicamente silenciadas. Em síntese, os indicadores usados como forma de guiar as políticas culturais são capazes tanto de sedimentar

o que parece estável, quanto provocar rupturas a favor de uma salutar instabilidade provocada pela diversidade cultural.

Em um cenário de crescente submissão da cultura às lógicas financeiras e comerciais, expressões como “indústria criativa”, “multiculturalismo” e “inclusão social” servem mais ao controle instituído por agentes hegemônicos – públicos e privados – do que ao dissenso representado por grupos contra hegemônicos (BARBALHO, 2016). Quando empregados como mecanismos e controle, viram rótulos que aderem à sociedade para classificar e ordenar ou se tornam simples slogans de governos e empresas em busca de visibilidade a partir de um discurso socialmente valorizado.

Segundo Rubim (2017), desde o final do século XX, as políticas culturais no Brasil foram apropriadas por discursos neoliberais favoráveis às “leis de incentivo” por meio da renúncia fiscal. Com o passar dos anos, “renúncia” se revelou um eufemismo, à medida que crescia a fatia de isenção para que os conglomerados econômicos “investissem” em cultura. Conforme destaca Barbalho (2016, p. 58), a filantropia “não é uma atitude desinteressada e relaciona-se com o poder e a dominação”.

Portanto, transformar dados estatísticos em políticas culturais, respeitando e estimulando a diversidade como princípio fundamental, é um desafio permanente aos gestores de cultura. O uso cotidiano da palavra “diversidade” favorece uma dispersão conceitual de tal ordem que parece muitas vezes destitui-la de significado. Corre-se o risco de transformá-la em um vocábulo vazio ou num mero jargão a serviço de interesses particulares.

A perspectiva adotada neste trabalho concebe a diversidade como conceito mediador para reconhecer os sujeitos como “portadores de universos simbólicos e identitários singulares”, que possuem “práticas distintas e nem sempre compreensíveis umas às outras” (COSTA;

BARROS, 2016, p. 125). Para contemplar todos os sujeitos e manifestações, a cultura precisa ser articulada a partir do que Santos (2009, p. 44) denomina como uma verdadeira “ecologia dos saberes” baseada na “pluralidade de conhecimentos heterogêneos”.

Estabelecer políticas culturais a partir destas definições significa respeitar a singularidade como princípio norteador das ações, promovendo a integração a partir das diferenças, ao mesmo tempo em que se combate toda e qualquer forma de controle sobre os modos de existência.

A natureza dos indicadores

Em linhas gerais, os indicadores produzidos a partir de amostragens estatísticas podem orientar as políticas públicas em três etapas: diagnóstico, monitoramento e avaliação (JANNUZZI, 2005). Cada etapa é distinta, mas está interconectada às demais. Implantar políticas públicas sem conhecer demandas e expectativas do público-alvo (diagnóstico) é o primeiro passo para o fracasso. Sem o acompanhamento das ações (monitoramento), o risco de atrasos e falhas na implantação das medidas é elevado. A ausência de balanços periódicos das ações com base nas expectativas (avaliação) prejudica a correção de eventuais problemas na execução das políticas públicas, bem como impede as necessárias melhorias e adaptações dos programas de ação.

Metodologias baseadas em indicadores são muito úteis como instrumental de apoio às decisões, porém, como adverte Jannuzzi (2002, p. 69), “não se deve superestimar o papel e a função dos sistemas de indicadores sociais” para as políticas públicas. Não há uma suposta neutralidade dos dados produzidos (CALABRE, 2011), pelo simples fato de que o responsável por produzir o indicador – seja uma entidade ou um pesquisador – não é um agente neutro, sempre há intenção, objetivo e finalidade.

Se a parcialidade deste “quem” deve sempre ser explicitada, há outras duas perguntas que precisam ser feitas por aqueles que se lançam ao desafio de produzir indicadores sociais: “O que se pretende medir?” e “Por que medir?”. Essa tríade “quem”, “o que” e “por que” revela a diferença básica entre dados estatísticos e indicadores. Segundo Lins (2009), estatísticas são razões matemáticas que apresentam uma dada situação concreta, são informações por excelência, constituindo-se na matéria-prima para a produção de indicadores. Estes representam

uma construção, uma medida quantitativa dotada de significado e, quando avaliados, nos apontam para possíveis tomadas de decisão. O indicador social não é um dado, é uma construção, é uma informação que nos permite avaliar aonde vamos e onde estamos, com relação aos nossos objetivos e valores. (LINS, 2009, p. 64).

Enquanto a estatística informa sobre determinada realidade, o indicador produz conhecimentos interessados sobre esta mesma realidade, porque promove interpretações segundo os objetivos embutidos nas três dimensões mencionadas acima: “quem” o produz, “o que” está sendo medido e “por que”. Assim, é correto afirmar que os indicadores influenciam as políticas culturais, mas os próprios indicadores são construtos políticos.

Afinal, qual deve ser a postura do pesquisador diante de tantas amarras? Ainda que não exista uma resposta universal, alguns princípios precisam ser seguidos, como a explicitação do percurso metodológico e a humildade em reconhecer os limites da investigação: “A boa prática da pesquisa social recomenda que os procedimentos de construção dos indicadores sejam claros e transparentes, que as decisões metodológicas sejam justificadas, que as escolhas subjetivas – invariavelmente frequentes – sejam explicitadas

de forma objetiva” (JANUZZI, 2005, p. 141).

Reconhecer a dimensão política dos indicadores não equivale a dizer que a metodologia está “comprometida” ou “contaminada” pelo inevitável viés ideológico, mas sim, compreender que os limites deste instrumento devem ser evidenciados em todas as etapas de aplicação do método.

A produção de indicadores culturais na UFCA

O planejamento da pesquisa “Indicadores de hábitos e consumos culturais da UFCA” começou em 2015 a partir da necessidade de obtenção de dados empíricos sobre os estudantes de graduação a fim de balizar as ações da Pró-Reitoria de Cultura. No primeiro semestre de 2016, foi elaborado um questionário com 26 questões, das quais 23 eram de múltipla escolha e três abertas.

Para tentar garantir índices estatisticamente significativos de respostas, optou-se pela aplicação presencial dos questionários por meio de formulários impressos, visto que pesquisas que empregam métodos digitais, como formulários on-line, tendem a apresentar baixo número de respostas em relação ao universo pesquisado. O tempo médio de preenchimento do questionário variou de 15 a 20 minutos.

A aplicação dos questionários e a tabulação dos dados teve início no 2º semestre de 2016, mas logo foi interrompida devido às ocupações realizadas por estudantes nas universidades federais de todo o Brasil, tendo sido retomada somente em 2017. A limitação do número de pesquisadores e bolsistas para realizar a aplicação fez com que o trabalho de coleta e tabulação dos dados se estendesse até o ano letivo de 2018.

Em pesquisas quantitativas de caráter social é recomendável que a coleta de dados ocorra dentro de um mesmo intervalo de tempo para evitar a influência de diferentes contextos sobre os resultados. Eventos sociais podem

influenciar as percepções, ou seja, a passagem do tempo tem a capacidade de afetar as respostas, mesmo que os sujeitos entrevistados não sejam os mesmos. Entretanto, essa variável parece ter pouca ou nenhuma influência no caso da pesquisa sobre hábitos e consumos culturais dos estudantes de graduação da UFCA, uma vez as perguntas contidas no questionário tendem a estimular respostas sobre questões amplas, pouco sensíveis ao lapso temporal em questão (cerca de um ano entre o início e o final da coleta).

As 26 questões do questionário podem ser divididas em conjuntos menores direcionados a três eixos: “dados socioeconômicos”, “linguagens e lugares”, “desejos e expectativas”. Os dados socioeconômicos traçam um perfil geral do estudante: gênero, idade, curso ao qual está vinculado, ano de ingresso na UFCA, cidade e bairro onde reside, renda familiar e número de pessoas com as quais divide a moradia. Também integram este eixo questões que buscam identificar se o estudante recebe bolsa ou auxílio assistencial na universidade e qual é o gasto mensal médio com cultura.

O eixo “linguagens e lugares” abarca perguntas sobre os hábitos e consumos reais dos estudantes de graduação. As “linguagens” dizem respeito às preferências por música, cinema, teatro, dança, entre outras expressões artístico-culturais. Por sua vez, os “lugares” indicam os espaços e equipamentos culturais mais utilizados para consumir essas linguagens, como praças, igrejas, universidade, salas de cinema, bares e restaurantes, bibliotecas, museus etc. Parte das questões de múltipla escolha permite assinalar até três opções, indicando como “1” a resposta mais relevante e com “3” a menos relevante entre as opções selecionadas, tornando os dados mais completos no momento da análise.

O grupo “desejos e expectativas”, além de algumas questões de múltipla escolha, inclui três perguntas abertas voltadas para a livre manifestação dos estudantes: 1) Quais atividades

2) Entre as atividades artístico-culturais que você participou recentemente, qual foi a mais significativa?; 3) Qual sua percepção sobre as ações e atividades de cultura promovidas pela UFCA? As respostas são agrupadas em categorias para possibilitar um tratamento estatístico, ainda que permitam também uma análise qualitativa. Por se tratar de um primeiro levantamento voltado para a área da cultura realizado na UFCA, o questionário foi construído levando-se em consideração uma série de princípios voltados à produção de indicadores de diagnóstico. Este momento inicial da produção de indicadores é definido por Januzzi (2005) como um “marco zero” a partir do qual as ações serão planejadas e avaliadas:

na etapa de elaboração do diagnóstico para a política ou programa social, são necessários indicadores de boa confiabilidade, validade e desagregabilidade, cobrindo as diversas temáticas da realidade social. Afinal, é preciso ter um retrato tão amplo e detalhado quanto possível acerca da situação social vivenciada pela população para orientar, posteriormente, as questões prioritárias a atender, os formatos dos programas a implementar, as estratégias e ações a desenvolver. (JANUZZI, 2005, p. 148).

Uma preocupação presente em pesquisas quantitativas é a representatividade da amostra em relação ao universo pesquisado. Por se tratar de uma universidade nova em processo inicial de expansão, a UFCA possuía um total de 2.807 alunos matriculados em 13 cursos de graduação no início do 2º semestre de 2018, segundo dados da Pró-Reitoria de Ensino. Portanto, é um universo pequeno se comparado a outras instituições federais de ensino superior, fato objetivo que ajuda a desenvolver a pesquisa, mesmo com recursos humanos e materiais limitados.

Para o levantamento realizado na UFCA, foram definidos como parâmetros estatísticos básicos um erro amostral de 5% e um nível de confiança de 95%, considerando uma população finita⁶. Feitos os cálculos, seriam necessários 339 respondentes para promover um diagnóstico significativo dos 2.807 estudantes matriculados. Contudo, o objetivo inicial da pesquisa era promover um diagnóstico ainda mais detalhado dos hábitos e consumos culturais dos estudantes a partir de análises estratificadas por unidades acadêmicas e cursos de graduação. Portanto, o número de questionários respondidos deveria não apenas ser maior, como também apresentar significância estatística em universos menores.

Tal detalhamento levou às primeiras dificuldades metodológicas relativas à coleta de dados. A amostra necessária para garantir os parâmetros desejados é proporcionalmente alta quando o universo é pequeno. Por exemplo, o curso de Administração possuía um total de 237 estudantes matriculados no 2º semestre de 2018, número que indicava a necessidade de uma amostra de 147 estudantes para promover uma análise significativa dos hábitos e consumos culturais referentes aos matriculados neste curso. Apesar dos esforços empreendidos pela equipe de pesquisadores e bolsistas do Observatório Cariri, foram obtidos 108 questionários, número insuficiente para manter a significância dos dados para análise estatística.

Cabe destacar que a pesquisa segue integralmente as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Optou-se por não coletar qualquer dado que permita a identificação individual, como nome, CPF ou número de matrícula. Além disso, é assegurada “a garantia de plena liberdade do participante para decidir sobre sua participação”, conforme o Artigo 17 da referida resolução.

Até o momento, a pesquisa possui tabulados 1.022 questionários, sendo possível

6. A amostra foi definida com base nos conceitos e cálculos indicados por Gil (2008).

realizar análises significativas do universo total de matriculados na UFCA e diagnósticos setorializados de três unidades acadêmicas: Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA),

Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes (IISCA). A Tabela 1 detalha os dados da pesquisa até o momento de finalização deste artigo.

Tabela 1 – Universo amostral da pesquisa “Indicadores de hábitos e consumos culturais da UFCA”

Unidade Acadêmica	Estudantes matriculados	Cálculo amostral	Questionários respondidos
Centro de Ciências Agrárias e da Biodiversidade (CCAB)	206	135	80
Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA)	557	228	254
Centro de Ciências e Tecnologia (CCT)	707	250	276
Faculdade de Medicina (FAMED) ⁷	441	206	0
Instituto de Estudos do Semiárido (IESA) ⁸	31	29	21
Instituto de Formação de Educadores (IFE)	222	141	131
Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes (IISCA)	643	241	260

Fonte: O autor (2018).

Dos indicadores às políticas culturais

Alguns resultados, ainda que parciais, permitem discutir as potencialidades e as limitações inerentes à produção de indicadores para promoção de políticas culturais, sobretudo quando a diversidade é reconhecida como princípio fundamental. A análise realizada nesta seção decorre de estudo comparativo entre as três unidades acadêmicas da Universidade Federal do Cariri cujas amostras possuem significância estatística: CCSA (254 questionários), CCT (276 questionários) e IISCA (260 questionários).

OCCSA agrega os cursos de Administração, Administração Pública e Biblioteconomia; o CCT os cursos de Engenharia Civil e Engenharia

de Materiais; e o IISCA os cursos de Design, Filosofia, Jornalismo e Música. Portanto, o universo amostral de análise é composto por 790 estudantes de três unidades acadêmicas que reúnem nove cursos de graduação da UFCA. Para ilustrar a discussão com material empírico, são apresentados resultados de uma breve análise relacionada à renda familiar e aos gastos médios com cultura.

O perfil socioeconômico estratifica a amostra a partir de seis faixas de renda familiar líquida que variam de “até 1 salário mínimo” (faixa F), até “mais de 5 salários mínimos” (faixa A). Em uma das questões, os estudantes foram estimulados a indicar de forma livre qual é o valor médio de gasto com cultura

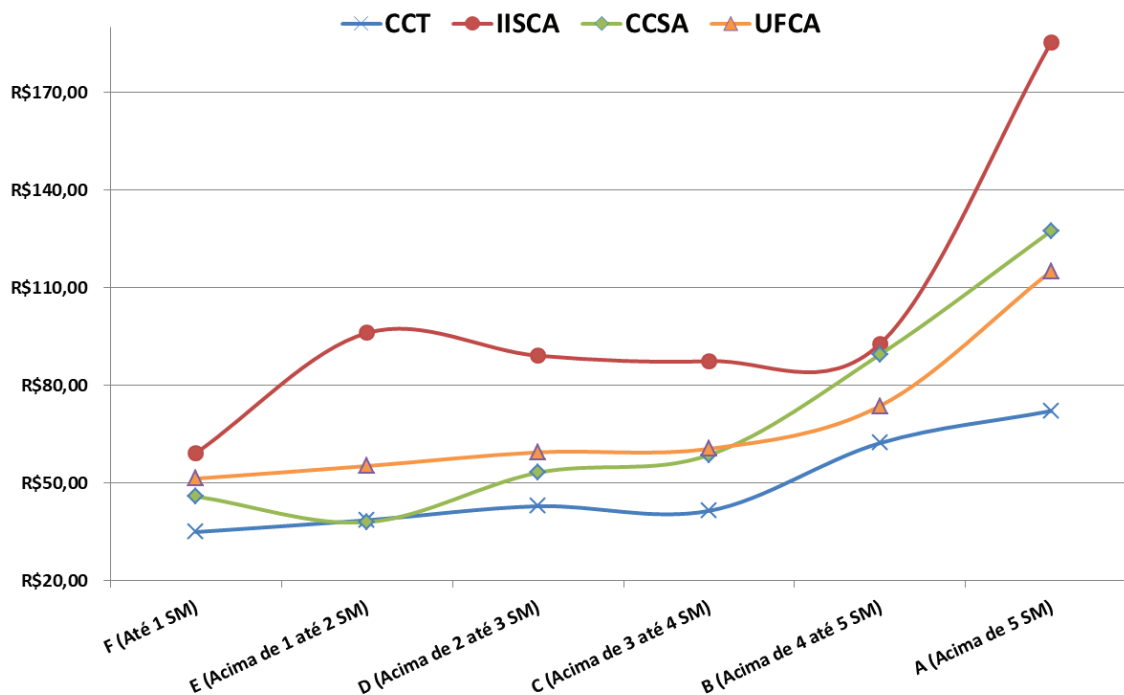
7. Até o momento em que este artigo foi produzido não havia sido realizada a aplicação de questionários na FAMED por razões operacionais.

8. O IESA possui apenas o curso de Bacharelado em História, que foi descontinuado pela UFCA e, portanto, não há entrada de novos estudantes, fato que justifica o número reduzido da amostra.

por mês. O cruzamento direto destas duas variáveis demonstra que, conforme esperado, o gasto médio mensal com cultura tende a ser diretamente proporcional à renda familiar, conforme indicado no Gráfico 1.

Os gastos com cultura tendem a oscilar menos nas faixas menores (F a C), e de forma mais significativa nas faixas de renda maiores (B e A). Quando analisados os 1.022 estudantes que responderam o questionário (amostra

Gráfico 1 – Média de gasto mensal com Cultura X Faixa de renda familiar líquida mensal



Fonte: O autor (2018).

global), o gasto médio varia de R\$ 51,42 para a faixa mais baixa e R\$ 115,21 para a mais alta. As questões mais relevantes começam a surgir quando os índices das três unidades acadêmicas são confrontados com a média geral da UFCA. O CCSA é a unidade que mais acompanha a linha média da universidade. As outras duas unidades estão em situação oposta: o CCT fica abaixo em todas as faixas de renda, enquanto o IISCA se mantém acima também em todas as faixas.

Chama atenção a discrepância entre os valores encontrados nestas duas unidades. Nas faixas de renda E, D, C e A, o gasto médio mensal com cultura dos estudantes do IISCA é

pelo menos duas vezes maior do que os valores declarados pelos estudantes do CCT. Qual a razão de tamanha diferença entre estudantes de uma mesma universidade? Por que os alunos de uma unidade declaram gastar o dobro ou mais do que os colegas de outra?

Essas perguntas põem as teorias à prova. Dados estatísticos transformados em indicadores permitem visualizar tendências importantes e, conseqüentemente, conduzem à formulação de hipóteses. Uma primeira hipótese pode estar ligada aos cursos que formam as duas unidades e sua proximidade ou distanciamento em relação ao campo da cultura. As engenharias, no caso do CCT, dão pouca (ou nenhuma) ênfase

às discussões culturais na grade curricular, enquanto os cursos do IISCA – Design, Filosofia, Jornalismo e Música – possuem interfaces nítidas com o campo cultural.

Como parte das políticas culturais diretamente relacionados a esses indicadores, a Pró-Reitoria de Cultura incluiu sete bolsas de “Fomento à curricularização da cultura” no edital de “Seleção de ações culturais de iniciativa da comunidade acadêmica”⁹, em dezembro de 2017. Segundo o edital, curricularização da cultura é “o processo pelo qual se busca a formação de estudantes e professores por meio da relação entre uma área do conhecimento e a cultura no seu sentido mais amplo”. Entre os objetivos específicos está a promoção da construção de novas metodologias com base na “indissociabilidade entre a cultura e o ensino”. Portanto, a cultura pode estar presente nas matrizes curriculares dos cursos de engenharia, reduzindo um déficit temático.

Entretanto, há como enunciar outras hipóteses a partir dos resultados indicados no Gráfico 1. Por exemplo, será que os estudantes do CCT e do IISCA partilham a mesma percepção sobre o que são “gastos com cultura”? Justamente por vivenciar e refletir sobre cultura de forma ampla e contínua, os estudantes do IISCA podem contabilizar os gastos realizados em bares e restaurantes onde há algum tipo de manifestação cultural, como uma apresentação musical ou uma exposição artística. O mesmo pode não ocorrer entre os estudantes do CCT, uma vez que a percepção de “gastos com cultura” pode estar vinculada exclusivamente ao consumo com produtos inequivocamente reconhecidos como culturais, como bilhetes de cinema, shows musicais e espetáculos teatrais.

Essa hipótese alternativa indica que os valores podem refletir mais as concepções sobre cultura do que os gastos efetivos, que podem não ser tão discrepantes quanto sugerem os indicadores. Contudo, a pesquisa quantitativa

não consegue fornecer respostas, limitando-se a indicar hipóteses. O esclarecimento da questão depende de uma combinação entre métodos quantitativos e qualitativos, com os indicadores servindo como base para promoção de outros instrumentais, como entrevistas semiestruturadas e grupos focais.

Outro limite dos indicadores diz respeito à diversidade. Análises estatísticas operam em um nível geralmente muito elevado, são panorâmicas por excelência e pouco ou nada enxergam as singularidades. No caso da pesquisa realizada na UFCA, a dificuldade em coletar dados suficientes para produzir resultados significativos sobre os cursos, mantém as análises restritas às unidades acadêmicas. Entretanto, a suposta homogeneidade dos estudantes de uma determinada unidade acadêmica dificilmente será mantida numa análise por curso. No CCT, por exemplo, os alunos dos cursos de engenharia Civil e de Materiais consomem cultura e possuem os mesmos hábitos? E o que dizer do IISCA, em que licenciaturas (Filosofia e Música) convivem com bacharelados (Design e Jornalismo) e a diversidade entre os cursos é ainda maior?

Mesmo no interior de um único curso há o que se denominou anteriormente como um “complexo mosaico de subjetividades” que escapa às 26 questões do questionário. Como os limites metodológicos recomendam não aumentar o número de perguntas para evitar a desistência dos respondentes, diversos enfoques relacionados à diversidade são eclipsados.

Considerações finais

Este trabalho buscou demonstrar teórica e empiricamente como a produção de indicadores pode auxiliar o planejamento de políticas culturais que assumam a diversidade como elemento constitutivo de universidades públicas. Os dados apresentados revelam tanto

9. A íntegra do edital está disponível em https://www.ufca.edu.br/portal/files/EDITAL_N_11_2017_-_Bolsas_de_Aes_Culturais_de_Iniciativa_da_Comunidade_Acadmica.pdf.

a importância quanto as dificuldades inerentes a este tipo de abordagem metodológica.

Os indicadores permitem diagnosticar tendências e apontam algumas possibilidades de ação. Contudo, conforme destacado no referencial teórico, a cultura está inscrita em lógicas de poder e hegemonia, sendo que a própria produção de indicadores pode ajudar a reforçar ou desestabilizar as estruturas dominantes. Levando-se em consideração a necessidade de promover um diagnóstico e ao mesmo tempo estimular a diversidade, a breve discussão empírica apresentada demonstrou as potencialidades e as limitações de uma abordagem quantitativa.

Seria este o melhor aporte teórico-conceitual para se desenvolver políticas culturais com foco na diversidade? Quais dimensões são reforçadas e quais são negligenciadas? A discussão realizada nesse trabalho sustenta a importância de não restringir as pesquisas a métodos quantitativos. Os indicadores não devem ser vistos como um ponto final, uma verdade absoluta, visto que em muitos casos são mais úteis para formular hipóteses do que para fornecer respostas precisas. Métodos qualitativos devem ser articulados com os quantitativos para

fornecer resultados mais importantes.

Ao assumir uma postura crítica, esse artigo buscou evidenciar que as variáveis articuladas no questionário refletem as parcialidades de “quem” planejou a pesquisa (o Observatório Cariri e a PROCULT), o “que” se pretendeu medir (hábitos e consumos culturais dos estudantes de graduação) e “por que” medir (promover um diagnóstico e planejar políticas culturais na UFCA). Não há neutralidade, visto que os indicadores são o resultado empírico de decisões objetivas e subjetivas.

Se a metáfora do “espelho” parece não ser adequada para compreender os indicadores, talvez o “caleidoscópio” seja uma figura de linguagem mais afeita aos princípios metodológicos e seus resultados. Ao contrário de um espelho que reflete a realidade, os indicadores mostram resultados dinâmicos, revelando sempre uma nova configuração a partir do movimento realizado. A depender da forma como os pesquisadores manipulam os dados e dos objetivos que guiam a investigação, a imagem gerada pode (e deve) ser diferente. Compreender os potenciais e os limites metodológicos ajuda a melhorar a qualidade das pesquisas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO JUNIOR, I. L. de; MENDES, L. B.; LIMA, Y. G. Institucionalização da cultura nas universidades federais brasileiras. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 13., 2017, Salvador, Anais... Salvador, 2017. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/programacaoxiv/apresentacao-em-grupos-de-trabalho-nos-14-eixos-tematicos/anais/>. Acesso em: 20 set. 2018.

BARBALHO, A. **Política cultural e desentendimento**. Fortaleza: IBDCult, 2016.

CALABRE, L. Políticas Culturais: indicadores e informações como ferramentas de gestão pública. In: BARBALHO, A. et al. (Org.). **Cultura e desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas**. Salvador: Edufba, 2011. p. 71-84.

COSTA, K. M. S; BARROS, J. M. P. M. Diversidade cultural e participação social na construção de planos municipais de cultura. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 12, n. 4, p. 123-143, 2016.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. 216 p.

JANNUZZI, P. M. Considerações sobre o uso, mau uso e abuso dos indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 51-72, 2002.

JANNUZZI, P. M. Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 56, n. 2, p. 137-160, 2005. Doi: <https://doi.org/10.21874/rsp.v56i2.222>.

LINS, C. Reflexões sobre indicadores e estatísticas culturais. In: REIS, A. C. F.; MARCO, K. (Org.). **Economia da cultura: ideias e vivências**. Rio de Janeiro: Editora e-livre, 2009. p. 61-69.

RUBIM, A. A. C. Desafios e dilemas da institucionalidade cultural no Brasil. **MATRIZES**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 57-77, maio/ago. 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i2p57-77>.

SALMITO, R. R.; AZEVEDO JUNIOR, I. L. de. Cultura na universidade: criação e início de trabalho da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 11., 2015, Salvador, **Anais...** Salvador, 2015. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/artigos-aprovados/>. Acesso em: 20 set. 2018.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 23-72.

SATUF, I.; DIAS, C. R. A.; ALENCAR, F. A. Dos dados às políticas: a produção de indicadores e a gestão da cultura nas universidades. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 14., 2018, Salvador, **Anais...** Salvador, 2018. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/edicao-2018-xiv-enecult/>. Acesso em: 20 set. 2018.

VICH, V. Desculturalizar a cultura: desafios atuais das políticas culturais. **PragMATIZES: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, Niterói, Ano 5, n. 8, p. 11-21, 2015. Doi: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes2015.8.a10398>.